

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS ATRIBUIÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

Aline Matias Maciel

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns
alinemaciel13@hotmail.com

Maria Vitória de Freitas Pereira

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns
mariavitoriaasd@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho surgiu a partir da disciplina de coordenação pedagógica, no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE - UAG. Teve como objetivo compreender o papel do coordenador na escola, identificando suas atribuições, dificuldades, desafios, ou seja, aspectos que estão ligados a atuação deste profissional. Como forma de coleta de dados, realizamos uma entrevista semiestruturada com duas coordenadoras do município de Garanhuns-PE, sendo uma das participantes responsável pelo ensino fundamental e a outra pela modalidade da educação de jovens e adultos. Destacamos a formação continuada como um dos aspectos essenciais para a manutenção do olhar e fazer pedagógico, e diante desse cenário, o coordenador pedagógico tem como uma de suas funções propiciar momentos de formação continuada para atender aos professores em suas dificuldades, seus anseios e também compartilhar os bons resultados de suas práticas em prol de uma educação de qualidade que possibilite o aluno a problematizar e exercer sua cidadania em sociedade. Foi possível concluir que apesar das particularidades de atuação de cada coordenadora, a formação continuada se constitui como um espaço em comum de atuação, visando sempre a busca pelo diálogo diante das diversas funções que compete ao coordenador pedagógico.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica. Atribuições. Formação Continuada.

THE PEDAGOGICAL COORDINATOR AND ITS ATTRIBUTIONS IN SCHOOL SPACE

Abstract: This work arose from the discipline of pedagogical coordination, in the course of Licenciatura in Pedagogy of UFRPE - UAG. It aimed to understand the role of the coordinator in the school, identifying their attributions, difficulties, challenges, that is, aspects that are related to the performance of this professional. As a form of data collection, we conducted a semi-structured interview with two coordinators of the municipality of Garanhuns-PE, one of the participants being responsible for elementary education and the other for the youth and adult education modality. We emphasize the continuous formation as one of the essential aspects for the maintenance of the look and make pedagogical, and in front of this scenario, the pedagogical coordinator has as one of its functions to provide moments of continuous formation to attend the teachers in their difficulties, their desires and also to share The good results of their practices in favor of a quality education that allows the

student to problematize and exercise their citizenship in society. It was possible to conclude that in spite of the particularities of each coordinator, continuous formation constitutes a common space for action, aiming always at the search for dialogue in view of the various functions that are the responsibility of the pedagogical coordinator.

Keywords: Pedagogical Coordination. Attributions. Continuing Education.

INTRODUÇÃO

A função do coordenador é carregada de significações negativas devido o início desta profissão que vem a surgir no Brasil como função fiscalizadora na época dos jesuítas, denominada de supervisão escolar durante a ditadura militar, a função que este profissional devia desempenhar era a de fiscalizar e controlar as atividades, sendo esse um aspecto característico da identidade do serviço militar e que nos dias atuais ainda pode ser observado em alguns espaços escolares, se tornando um dos pontos negativos dessa função, onde muitas vezes estes profissionais são denominados, de acordo com Vasconcelos (2010), como “pombo-correio, dedo-duro, de apagador de incêndios, tapa buraco, o que entende de tudo, que só fica na secretaria ou na sua sala sem saber nada do que acontece na prática escolar cotidiana”.

Essa concepção ainda está presente dentro das escolas, mas essa visão depende da postura profissional que os coordenadores apresentam, seja na perspectiva da hierarquização das funções, onde existe quem determina as atividades e as pessoas que obedecem, perpetuando a imagem de fiscalização ou assume uma posição mais democrática, onde há um diálogo permanente, um trabalho coletivo entre todos os agentes da escola.

O coordenador não está na escola somente para apontar erros e acertos, e sim, de acordo com Vasconcelos (2010), orientar a organização da reflexão a respeito do projeto político pedagógico e da prática escolar, buscar a participação de todos os membros da instituição, organizar e sistematizar os trabalhos dos grupos de forma a possibilitar a interdisciplinaridade e também o desenvolvimento da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Como também a luta para combater tudo aquilo que se encontra no caminho inverso das propostas da escola, como supervisor também, mas não na forma de fiscal, mas como um

profissional que se preocupa em verificar se os trabalhos estão sendo desenvolvidos de maneira adequada, se todos estão participando, buscando sempre o diálogo como forma de estimular o bom desempenho das atividades.

Um dos papéis do coordenador é de fazer a mediação do entre os vários setores da escola, proporcionando o diálogo entre os agentes escolares, do porteiro até ao gestor.

De acordo com Vasconcellos, “o coordenador em função do espaço em atuação, tem tanto a interface com o “chão da sala aula (através do contato com os professores e alunos), quanto com a administração, podendo ajudar uns aos outros a se aproximarem criticamente” (2010, pag. 86). Assim, o coordenador deve buscar este diálogo permanente entre esses espaços, porém, ele não pode deixar que esta ação descaracterize suas reais funções na escola, pois é justamente as diversas atividades exercidas que dificultam atualmente identificar o papel específico do coordenador no espaço escolar.

São as inúmeras atribuições delegadas ao coordenador pedagógico, que decorre da inexistência de uma identidade consolidada e esse grande número de atividades acarreta muitas vezes na percepção dos agentes escolares que o coordenador é “pau pra toda obra” e pode resolver toda e qualquer coisa. Assim como afirma Vasconcellos:

A sensação que têm, com freqüência, é de que são "bombeiros" a apagar os diferentes focos de "incêndio" na escola, e no final do dia vem o amargo sabor de que não se fez nada de muito relevante... Sentem ainda o distanciamento em relação aos professores, a desconfiança, a competição, a disputa de influência e de poder, etc (2010, p. 85).

De acordo com o plano de cargos, carreiras e remuneração de Garanhuns, município no qual foi realizada a entrevista, compete ao coordenador Pedagógico realizar atividades de assessoramento à escola, coordenando as ações pedagógicas, tendo as atribuições de zelar pela eficácia/eficiência do ensino e aprendizagem da unidade de ensino, elaborar, estimular, participar, acompanhar e avaliar a construção e execução do projeto político pedagógico, da proposta curricular, do plano de desenvolvimento da escola e de projetos didáticos da unidade de ensino, identificar as demandas de formação continuada na escola, coordenar a capacitação em serviço.

Além de articular-se com a secretaria de educação e outras instituições de ensino para a oferta de cursos de formação continuada, promover a discussão e a reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvido na unidade de ensino, articular as várias modalidades e níveis de ensino numa abordagem interdisciplinar, incentivar professores e alunos para a produção de trabalhos escritos, articular ações com a biblioteca e/ou sala de leitura, laboratórios e/ou sala de informática, objetivando a melhoria da prática pedagógica, planejar, acompanhar e avaliar, com o professor, estudos de recuperação paralela, de forma a garantir novas oportunidades de aprendizagens, ainda, realizar, com o coletivo da escola.

E ainda, propiciar reuniões de pais para a reflexão conjunta sobre o processo educativo, visando o aproveitamento pedagógico, assegurar a utilização das aulas atividades com propostas de trabalho que resultem na melhoria das ações pedagógicas, além de participar das ações de capacitação coordenadas pelos órgãos competentes como alternativa de aprofundamento teórico e fortalecimento da prática e ainda trabalhar, integralmente, com todos os segmentos da unidade de ensino para assegurar a execução da proposta pedagógica.

Percebe-se que no próprio documento que rege o trabalho do coordenador pedagógico não há eixos específicos de atuação, mas atribuições diversas, contribuindo para esta concepção de um profissional que irá resolver qualquer e toda situação que se apresenta na escola.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA COMO UMA DAS ATRIBUIÇÕES DOS COORDENADORES PEDAGÓGICOS

No âmbito da formação continuada, a atuação de um coordenador comprometido é essencial para que haja conquistas substanciais na educação como também na formação com os professores, onde a reunião, segundo Vasconcellos (2010) propicia um espaço privilegiado para as discussões acerca de suas dificuldades e conquistas, tanto do coordenador como também dos professores.

Nesse espaço deve haver o diálogo sobre as dificuldades comuns encontradas em sala de aula, a discussão coletiva de possíveis soluções para que possam ser desenvolvidas novas ideias e como um espaço de suporte para o professor, o coordenador é responsável por

promover essas ações, a trazer pautas que estão sendo discutidas fora da escola e de como elas influenciam na sala de aula.

A escola deve estar conectada aos temas políticos, sociais e econômicos, pois a sociedade é movida por essas transformações e a escola como instituição formadora não pode ficar alheia a esses movimentos realizando apenas um ensino propedêutico.

Vasconcellos ainda afirma que nas reuniões pedagógicas, a proposta, como apontamos, é ter a prática como referência, fazer uma reflexão sobre ela, de maneira mais próxima e particularizada, tendo em vista a intervenção (pesquisa-ação) (2010, p. 124). Dessa forma, o professor nunca está ou estará pronto e acabado, a pesquisa é um dos seus principais instrumentos de renovação e transformação do seu pensamento aliado à sua prática, assim, esse espaço deve ser valorizado e estimulado pelo coordenador pedagógico.

A formação continuada é fundamental para o professor, pois oferece a atualização, a reflexão sobre sua prática pedagógica, a busca pela resolução de problemas e também para o compartilhamento das atividades de sucesso em coletividade.

De acordo com Nóvoa:

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e de técnicas, mas favorecem o isolamento e reforçam uma imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores (NÓVOA, 1992, p. 14).

A reflexão sobre a prática pedagógica é importante para os professores, pois os alunos são heterogêneos, a sala de aula também é heterogênea e a atividade de pensar sobre sua própria ação permite ao professor buscar, aperfeiçoar sua metodologia de ensino, assim como sua visão de sociedade, de aluno, da aprendizagem, da avaliação, ou seja, envolve um constante ato de criar e recriar e que de forma coletiva dá autonomia ao professor para construir o seu próprio referencial da classe e não está subordinado, muitas vezes as diretrizes que tratam o profissional como robôs que apenas reproduzem o conhecimento.

Para Freire (1996, p. 39), “formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje

ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”, assim, o ato de refletir sobre a própria prática possibilita o autoconhecimento e é importante que os professores estejam dispostos a participar dessa ação e o coordenador atua nessa perspectiva de mostrar novos caminhos aos professores, a libertar muitas vezes de práticas ultrapassadas que podem não trazer resultados positivos para a aprendizagem dos alunos.

Tardif (2002, p. 71), aponta que:

A ideia de base é que esses “saberes” (esquemas, regras, hábitos, procedimentos, tipos, categorias, etc.) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas, etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social.

É necessário que os profissionais se encontrem atualizados, pois não são detentores de todo o conhecimento, que também saibam reconhecer os saberes que são próprios de sua atividade profissional, porém não supervalorizar apenas o conhecimento científico, mas os diversos saberes que estão presentes na sociedade, valorizando assim, a troca de conhecimentos. Dessa forma, compartilhamos do ponto de vista de Tardif quando afirma que “pode-se dizer que os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação” (TARDIF, 2002. p. 58). Desse modo, o coordenador Pedagógico tem um papel fundamental nesse aspecto, pois ele deve buscar os temas que auxiliem os professores, identificar quais suas aflições, qual ação teve sucesso em determinada prática de um professor e compartilhar a experiência para que outros professores conheçam e possam também ter passado por problemas semelhantes.

Para Nóvoa (1992, p. 19), trabalhando de forma colaborativa e harmoniosa:

A formação contínua deve capitalizar as experiências inovadoras e as redes de trabalho que já existem no sistema educativo português, investindo-as do ponto de vista da sua transformação qualitativa, em vez de instaurar novos dispositivos de controlo e de enquadramento. A formação implica a mudança dos professores e das escolas, o que não é possível sem um investimento positivo das experiências inovadoras que já estão no terreno (NÓVOA, 1992, p. 19).

Assim, um trabalho coletivo que envolve e respeita todos os agentes do espaço escolar, com parcerias junto a secretaria de educação, a gestão, entre outros agentes atuam de forma positiva na melhoria no ambiente da escola e sobretudo na aprendizagem dos alunos.

Em relação ao trabalho com a Educação de Jovens e Adultos, é necessário haver um trabalho específico com este público, pois é importante ter uma atenção diferenciada, de acordo (FONSECA, 2002), com a condição de não-criança que se relaciona a infantilização das atividades, onde ocorrem muitos casos de práticas pedagógicas que não consideram as vivências dos alunos, que já viveram experiências que as crianças ainda não passaram como também em alguns casos já ingressaram no mercado de trabalho.

Outra característica é a condição de excluído da escola por causas sociais, como o abandono da escola para ajudar a família financeiramente e quando retornam não conseguem se adaptar a linguagem formal da escola, pelo medo de fracassar novamente, e por fim, a condição de membros de determinados grupos sociais que é justamente o diálogo no espaço escolar, entre os diversos saberes desses alunos e os saberes científicos que a escola apresenta, onde é necessário estabelecer uma relação entre esses saberes e não desvalorizar os conhecimento dos alunos, negando-os.

É necessária essa atenção para que esses alunos não se sintam desmotivados, desestimulados, podendo acarretar até numa possível desistência, quando não se atua com as especificidades desse público, sendo assim, trabalhar o conhecimento de mundo destes alunos podem e devem ser usados na sala de aula, pois como afirma Freire (1981) “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”, ou seja, esse conhecimento deve ser usado como ponte para o saber científico, onde os alunos possam construir conhecimentos que lhe serão útil em seu dia a dia.

ANÁLISE DOS DADOS

Sobre os participantes da pesquisa, a Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental (CP1) é graduada em Pedagogia e a Coordenadora Pedagógica da Educação de

Jovens e Adultos (Eja), identificada como (CP2) é bacharel em serviço social, em administração, história e está concluindo a graduação em Pedagogia.

Com relação ao tempo de experiência a CP 1 possui um ano e quatro meses como coordenadora e a CP 2 trabalha há dois anos e três meses na função.

Sobre suas atribuições a CP 1 falou que segue um planejamento, que possui uma rotina, onde “o papel do coordenador é ir nas salas, dar apoio aos professores, dar subsídios, verificar se as aulas estão de acordo com esse planejamento, levantar ideias, fazer plano de ação, intervenção se necessário pra ajudar aqueles alunos que tem maior dificuldade”.

Da mesma forma, a CP 2 destacou:

Eu faço a gestão de sala, eu acompanho os professores dentro da sala de aula, eu visito, faço as anotações, depois disso eu faço a conversa pedagógica, dou a devolutiva do que foi observado, nada de ficar apontando coisas negativas e positivas, não é isso, apenas de uma forma, ter um olhar mais amplo pra aquela dificuldade que eu vejo que o professor tá tendo na naquele momento.

Observa-se nas respostas que há uma relação direta das coordenadoras com as professoras nas atividades desenvolvidas, demonstrando assim, a importância do trabalho de formação continuada que dê um suporte ao trabalho das professoras.

A CP 2 ainda aponta em sua resposta que não toma a atitude de apontar coisas negativas e positivas realizadas pelas professoras, ação que caracteriza uma atitude de supervisão que corresponde a concepção negativa do coordenador, mas ela busca “ter um olhar mais amplo pra aquela dificuldade que eu vejo que o professor tá tendo na naquele momento, então, eu tenho uma conversa muito tranquila com elas”, ou seja, há um trabalho de diálogo, de buscar entender a causa de determinada ação e a partir disso buscar soluções pra ajudar o professor em suas dificuldades, ação essa que corrobora com a ideia de Vasconcellos (2010, p. 91), onde:

Não “moralizar” significa não fechar a porta para o outro; acreditar na possibilidade de mudança do outro; ao invés de ficar preocupado em julgar e rotular alguém (atribuir a eventual falha à “essência” da pessoa), procurar, antes de mais nada, compreender o porquê daquele ato ou situação (abordagem hermenêutica), e, a partir dessa atitude de acolhimento, ajudar o sujeito a encontrar ou, se for o caso, apresentar um outro caminho, uma outra possibilidade de ser.

Dessa forma, a visão assim como a atuação do coordenador não deve ser de apontar erros e acertos de forma coercitiva, mas usar o diálogo, o respeito, a paciência para que as dificuldades sejam vencidas e assim ajudar no que for possível em prol de um ambiente harmonioso dentro da escola.

Quando questionadas sobre as principais dificuldades a CP 1 informou que era o fato de alguns professores não se encontrarem abertos para receber sugestões no seu trabalho, que é resistente, mas que segundo ela isso não se torna um impasse tão grande, “mas nada que impeça da gente tentar e aí cada estratégia que o coordenador vai levando, vai amolecendo isso, não que ele não se adeque, mas depois ele vai, mais a dificuldade é aquele mais resistente, mas fora isso”.

Em contrapartida de coordenadores que se apresentam de forma autoritária, a resistência dos professores também dificulta o trabalho do coordenador, mas é importante que ele continue buscando o diálogo na tentativa de convencer o professor aos poucos como a entrevistada afirma, procurando mostrar outras alternativas, novas propostas para que possa uma transformação qualitativa na escola como (NÓVOA, 1992), aponta, em prol de um ambiente colaborativo e harmonioso, promovendo uma emancipação profissional.

Já a CP 2 afirma que a maior dificuldade são as pessoas que trabalham na escola encararem o coordenador pedagógico como “apagador de incêndios” e que em relação ao trabalho que ela desenvolve com os alunos da Eja também não é tão reconhecido pela escola.

Ela afirma que:

As pessoas da escola não enxergam você como coordenador, vê apenas você como apagador de incêndios, esse tipo de situação, essa a maior dificuldade, outra dificuldade é com a questão da gestão, a gestão, eu gosto muito de trabalhar com arte, certo, eu, desde quando entrei, eu percebi que a EJA gosta muito de trabalhar com as coisas manuais, fazer as artes visuais e plásticas.

Para CP 2, uma de suas dificuldades é ser vista como apagador de incêndios e de acordo com Vasconcelos (2010) as múltiplas atribuições delegadas ao coordenador, faz com que sua função fique descaracterizada, não tendo atribuições específicas.

E podemos observar este aspecto no plano de cargos, carreiras e remuneração do município de Garanhuns, já mencionado anteriormente, que a partir das inúmeras atribuições

apresentadas, colabora para que continue a existir essa ideia de que o coordenador pode e deve resolver tudo e acarretando também na sua desvalorização profissional aonde ele faz tudo ao mesmo tempo e não se sabe quais suas reais funções.

Na voz da CP 2 ainda se observa a desvalorização de seu trabalho exercido na Eja, que mesmo diante de uma atitude positiva que é trabalhar com os conteúdos que os alunos possuem afinidade, valorizando seus saberes, os diversos saberes e não somente o científico, como aponta Tardif, 2002, seu trabalho não é valorizado e incentivado pela gestão da escola.

Quando questionadas sobre como ingressaram no cargo a CP 1 falou que foi através de um plano de ação enquanto era professora, participou de uma seleção, apresentou e passou para o cargo.

A CP 2 informou também que realizou um plano de ação, onde “a primeira etapa foi com uma pequena avaliação e mostrando o currículo e a segunda foi defendendo a sua proposta, o seu plano de ação, aí eu passei, foi por meio de uma seleção”.

Em relação a rotina de trabalho a CP 1 falou que segue uma ficha de planejamento que:

Ai nessa fichinha de rotina, nessas visitas eu tenho o meu planejamento durante a semana que a minha carga horária é de 180h, tem o meu horário também, dia de segunda eu fico o dia todo, na terça é pela manhã e à noite na aula atividade, quarta a tarde, quinta de manhã e sexta a tarde, e nessas visitas a gente tem uma folhinha e tem lá se ele tá seguindo, a gente vai observar a aula do professor, a didática que tá sendo utilizada é tem uma sequência que eles seguem, e na fichinha tem tudo discriminado.

A CP 2 informou que:

Por exemplo, eu faço a gestão de sala, eu acompanho os professores dentro da sala de aula, eu visito, faço as anotações, depois disso eu faço a conversa pedagógica, dou a devolutiva do que foi observado(...)atendo pais, de 7:30 até às 8:00 da manhã, sempre, passa um pouco porquê também não é uma coisa cristalizada.

A atividade das visitas em sala de aula destacado pelas coordenadoras é importante devido ao contato que esse espaço proporciona com os professores, que não só ocorre no momento de formação em rede ou então do planejamento das aulas, mas que se encontra em um processo contínuo de acompanhamento e desenvolvimento das atividades, vindo a discutir, a analisar problemas que muitas vezes só ocorrem na sala de aula, como afirma (GEGLIO, 2008, p. 118):

É importante que o coordenador pedagógico concretize sua ação no acompanhamento das atividades dos professores em sala de aula, pois isto lhe dá oportunidade de discutir e analisar os problemas decorrentes desse contexto, com uma perspectiva diferenciada e abrangente (GEGLIO, 2008, p. 118).

Assim, o coordenador não fica alheio aos acontecimentos e necessidades dos contextos da escola, mas atua a partir deles, promovendo o resgate da atenção dos professores, trabalhando com temas que são de seu interesse.

A CP 2 afirmou ainda que:

A gente faz uma rotina, todos os meses a gente faz o nosso plano de ação do mês e a gente faz esse cronograma, faço uma reunião como os professores, não é? Geralmente eee, tudo que vai acontecer no mês eu faço um pequeno cronograma e entrego a todos que fazem parte da escola, do porteiro ao merendeiro, a pessoa que faz a limpeza da escola, o pessoal da secretaria e os professores, porque ali quando eles olharem, eles já sabem que nesse dia vai acontecer tal coisa, claro que acontece algumas interferências, quando não tem naquele dia a gente perpassa pra outro dia, são muitas atribuições viu, observar planejamento do professor, observar caderno de rotina, preocupação com a metodologia deles, se realmente está favorecendo a aprendizagem do aluno né?!

Tal trabalho desenvolvido pela CP 2 possibilita que todos estejam cientes e possam participar das atividades que a escola desempenha, não se tornando alheios ao seu próprio local de trabalho.

Sobre a formação continuada, a CP 1, afirmou que:

A formação acontece algumas vezes aqui mesmo na escola, outras em outro lugar, quando é pessoal da secretaria de educação(...) Os assuntos mais tratados é, é evasão, é essas coisas assim de ajudar o aluno a melhorar a produtividade dele, é porque tem os temas né, cada um tem os temazinhos abordados, apropriação de escrita, de leitura.

A CP 2 apresentou que:

As formações continuadas ocorrem aos sábados de manhã, mas é assim, nós temos 4 sábados, certo?! 3 sábados eu deixo eles à vontade, eu estou lá de manhã pra planejamento, pra ajuda-los entendeu?! (...) nas observações em sala, eu vejo um tema que dê pra todos, nas conversas informais você detecta o que tá precisando e também, eu peço pra eles (...) a última que eu fiz foi sobre currículo porque eu sentia dentro das conversas que eles não sabiam o que era currículo em si.

Observa-se que as coordenadoras buscam identificar temas que se apresentam como necessidades do cotidiano escolar, ação que é imprescindível, pois toma como referência assuntos que serão de interesses dos professores e esta ação colabora para o trabalho coletivo, partindo da perspectiva de (TARDIF, 2002), onde a produção dos saberes acontece na socialização, na convivência com o outro em busca também da atualização destes saberes, acompanhando as transformações sociais e pedagógicas e também como espaço de reflexão das práticas pedagógicas.

Assim, de acordo com Orsolon apud Paiva:

A mudança na escola só se dará quando o trabalho for coletivo, articulado entre todos os atores da comunidade escolar, num exercício individual e grupal de trazer as concepções, compartilhá-las, ler as divergências e as convergências e, mediante esses confrontos, construir o trabalho. O coordenador como um dos articuladores desse trabalho, precisa ser capaz de ler, observar e congrega as necessidades dos que atuam na escola. (ORSOLON 2003, p. 21).

Em relação a como realizam o seu planejamento a CP 1 disse que: “Já vem, mas eu faço o meu planejamento, assim o horário da sala, mas aí já vem a fichinha, o diagnóstico”, ou seja, ela adapta o que já vem planejado a sua rotina, especificando os horários para realizar determinada atividade, como visitar determinada sala em dias específicos.

E a CP 2 falou que realiza o seu planejamento mensalmente e entrega as ações que serão realizadas para a secretaria de educação e quando termina o mês ela reenvia o mesmo planejamento com as ações que foram possíveis de serem realizadas, onde a mesma também afirma que aproveita as aulas atividades que ocorrem aos sábados para combinar junto com os professores o planejamento coletivo, e após sistematiza e entrega o cronograma a todos que fazem a escola.

Sendo esse um aspecto a destacar o fato de entregar-se o planejamento a todos da escola, para que nos momentos em que a coordenadora não se encontrar na escola as atividades possam ser realizadas, já que todos irão ter em mãos o que precisa ser feito.

Dessa forma torna-se importante que os coordenadores tenham seus objetivos, metas, planejando de forma a buscar a dialogicidade com os responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem para que ele ocorra da melhor forma possível, possibilitando o desenvolvimento pleno dos alunos.

O diálogo é o principal instrumento do coordenador, onde se busca a sensibilização, o trabalho coletivo para o fortalecimento do trabalho no espaço escolar que necessita de compromisso, tanto dos agentes externos com também das pessoas que estão cotidianamente na escola.

Para Lima e Santos, (2007, p.84):

A coordenação pedagógica em seu sentido estrito, conseqüentemente, não caracteriza-se como dimensão mecânica e centralizadora, definidora da relação mando-submissão alienando-se das questões contextuais que inquietam professores, alunos e comunidade; muito pelo contrario, garante o espaço da dialogicidade fortalecendo a vitalidade projetiva do agrupamento de atores sociais, atendendo as perspectivas da comunidade extra-escolar na luta por uma educação de qualidade e primando pela superação dos obstáculos que inviabilizam as ações coletivas.

Esta dimensão mecânica apontada por Lima e Santos, centralizadora apresenta claramente o papel de um supervisor, autoritário, já o coordenador pedagógico, deve trabalhar em prol de uma educação de qualidade, tomando uma postura dialógica, coletiva para que haja mudanças significativas na escola e o coordenador atua diretamente nesse aspecto, em mobilizar o próximo para que a escola não se transforme apenas num mecanismo de reprodução do conhecimento, mas na efetiva transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado podemos concluir que o coordenador pedagógico possui diversas atribuições, dificuldades, relacionadas tanto a sua identidade profissional quanto a resistência pelos professores em adotar novas estratégias em suas atuações, que a formação continuada é um dos pontos cruciais na atuação do coordenador pedagógico e para professores, para que ambos possam exercer o seu trabalho com qualidade de forma a construir um espaço de troca de conhecimentos, buscando sempre a convivência harmoniosa, o trabalho coletivo em prol de um mesmo objetivo que é oferecer uma educação de qualidade.

A identidade do coordenador se mostrou como um aspecto importante que precisa ser estabelecido para que este profissional não seja visto como o supervisor que pune, que controla as atividades ou ainda, como “o faz tudo da escola”, é necessário também atuar pela construção de uma identidade que respeite, que reconheça e valorize a atuação deste

profissional que atua como um núcleo do espaço escolar agindo como mediador, buscando superar as dificuldades, a desenvolver novas estratégias que possam colaborar de maneira positiva para a formação dos alunos e o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In _____ Col. **Polêmicas do Nosso tempo**, Editora Cortez, São Paulo, 1985.
- FONSECA, Maria da Conceição F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificações, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- GARANHUNS. Lei nº 3758 de 2010. **Dispõe sobre a reorganização do Plano de Cargos, Carreiras e Remuneração – PCCR** do quadro permanente de pessoal da rede municipal de ensino de Garanhuns, e dá outras providências. Garanhuns: 2010.
- GEGLIO, Paulo César. O Papel do Coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. In: PLACO, Vera M. N.S; ALMEIDA, L.R. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas**. Revista de educação Educere et Educare. Vol.2 nº 4 jul/dez. 2007 p.77-90. Disponível em: <file:///C:/Users/Aluno/Downloads/1656-5846-1-PB.pdf> Acesso em 24 nov. 2016.
- NÓVOA, António. **Formação de professores profissão docente**. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf>. Acesso em 07 de Deze de 2016.
- ORSOLON, Luzia Angelina Marino. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Orgs). **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2003.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**, 11ed. São Paulo: Libertad, 2010.